

ENTREVISTA COM SISSI VIGIL CASTIEL¹

AN INTERVIEW WITH SISSI VIGIL CASTIEL

NOS REGISTROS DO CENTENÁRIO DO TEXTO INTRODUÇÃO AO NARCISISMO (1914) E DAS COMEMORAÇÕES AOS 25 ANOS DA SIGMUND FREUD ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA, OBSERVA-SE IMPORTANTES EFEITOS TANTO QUANTO A PSICANÁLISE NO TEMPO, COMO AO TEMPO DA PSICANÁLISE, À MEDIDA QUE OCUPA UM LUGAR DUPLO: A SRA. É UMA PSICANALISTA COM PRODUÇÃO TEÓRICA RECONHECIDA E, TAMBÉM, UMA PSICANALISTA NA PRESIDÊNCIA DA SIG. QUAIS SÃO AS SUAS REFLEXÕES SOBRE ESTES “TEMPOS”?

A psicanálise foi construída desde as inquietações clínicas produzidas pelo tratamento da histeria e da neurose. Freud se ocupou de demonstrar que na neurose havia uma etiologia sexual e, a partir daí, constrói o conceito de inconsciente que vem a ser o objeto teórico da psicanálise. Então, a forma como este se manifesta na neurose (sua ligação com a sexualidade) e o modelo clínico para o tratamento da neurose são as formulações que se colocaram primeiro na psicanálise.

A partir disso, Freud faz um modelo de aparelho psíquico através da primeira tópica e da primeira dualidade pulsional. Tanto sua concepção do funcionamento psíquico como o entendimento da neurose, além do modelo clínico estão ancorados no conceito de inconsciente e na oposição entre a satisfação e não satisfação dos impulsos sexuais, o que leva ao modelo clínico baseado na associação livre, transferência e resistência.

No entanto, a partir de 1910, com a análise do livro escrito por Schreber, Freud começa a se ocupar do entendimento das psicoses e conceitua o narcisismo, que será definido mais completamente no artigo de 1914. O narcisismo, juntamente com a segunda dualidade pulsional e a segunda tópica, possibilitam o questionamento de outros quadros diferentes da neurose. Esse segundo modelo freudiano está ancorado no conceito de pulsão, de narcisismo e pulsão de morte.

Ainda que esse modelo esteja em Freud, ele não foi completamente desenvolvido e restavam questões a serem elucidadas nas patologias graves e nas psicoses. A evolução posterior da psicanálise como disciplina teve a ver com novas vozes que se manifestaram no campo psicanalítico, principalmente a respeito dessas patologias. Assim, a partir da década de 1920 surgiram diferentes escolas no campo psicanalítico com Melanie Klein, a psicologia do ego, Lacan e Winnicott, que contribuíram em muitos aspectos, inclusive com o que possibilitou a maior difusão da psicanálise como teoria e técnica. Ainda que todas as escolas de psicanálise partam de pressupostos freudianos, todas elas solucionaram questões teóricas e técnicas de formas diversas entre si e em relação a Freud. Essas dissonâncias teórico-técnicas foram motivo de afastamento entre as escolas.

Ao longo do tempo foram diminuindo as barreiras, de forma que atualmente há mais circulação de ideias entre os psicanalistas. Dentro desse contexto,

¹Psicanalista. Presidente da Sigmund Freud Associação Psicanalítica.

surgiram psicanalistas que trabalharam muitas questões em psicanálise, construindo uma obra considerável, mas que não deram origem a escolas, para citar alguns: Piera Aulagnier, Joyce McDougall, Jean Laplanche, André Green. Suas contribuições tornaram-se referência para o trabalho teórico-clínico e marcam a época atual em psicanálise.

No entanto, nosso tempo também é marcado por outras questões: as mudanças sociais, culturais e econômicas, que colocaram em evidência o incremento da violência, o individualismo e a perda de profundidade da dimensão existencial, em um mundo cada vez mais tecnológico e imediatista. Além disso, configurações psicopatológicas distintas da neurose centradas em problemáticas narcísicas passaram a constituir a demanda grande parte da demanda por análise. Por outro lado, o desenvolvimento de outras disciplinas que apresentaram modalidades terapêuticas diversas.

Todas essas transformações causaram mudanças também na mentalidade dos sujeitos com relação à história, e estes foram se tornando cada vez mais indiferentes a ela, porque esta revelou-se inútil para eles. A morte da história tornou-se uma grande questão para os historiadores, mas também para os psicanalistas. Ficou questionado pela cultura o lugar da psicanálise como modalidade teórica e terapêutica. Se os sujeitos não tinham interesse pelo passado é como se também não tivessem interesse por seu passado. Queriam respostas muito mais imediatas.

Paradoxalmente, essa atitude com relação à história também teve suas consequências sobre a própria psicanálise, pois, relativizar o passado, libera a imaginação e possibilita a criação. Isso significa que, no nosso tempo, a responsabilidade pelo desenvolvimento teórico que a prática impõe precisa ser dividida entre os psicanalistas contemporâneos, à medida que já não existem os grandes mestres. Dentro desse contexto, entendo que o papel das instituições psicanalíticas é muito grande, pois o compromisso com o vigor da teoria nos diz respeito e implica uma tomada de posição frente à psicanálise. A obra de Freud encontra-se em aberto para releituras e aprofundamentos que cabem aos psicanalistas contemporâneos. Nesse sentido, destacam-se os autores que se dedicaram ao estudo e tratamento dos quadros clínicos centrados em problemáticas narcísicas, provocando uma revisão e extensão dos fundamentos metapsicológicos e do método clínico. Não se trata de que os autores não sirvam mais, trata-se de que a clínica é sempre maior que a teoria e por isso a teoria da clínica precisa ser permanentemente ampliada, pois surgem novas demandas. Os desafios que a cultura e a clínica colocam à psicanálise não significam o apagamento dos pressupostos psicanalíticos, mas sim a necessidade de ampliações na metapsicologia assim como no método clínico de forma a ampliar os limites da analisabilidade.

Pensar o sujeito da análise em sua relação com a história leva ao paradigma da hipercomplexidade de Edgard Morin. O autor afirma que o sistema hipercomplexo possui um número de componentes mensurável apenas por ordem de grandeza, ou cujo número de componentes estabelece um número de relações que não pode ser mensurável. Por isso, os componentes do sistema ne-

cessariamente produzem erro, trabalham com o erro, apesar do erro e a partir do erro. A perspectiva do crescimento se dá em função do reaproveitamento deste, no sentido de produzir uma reordenação do sistema. Os sistemas hipercomplexos convivem com vários paradigmas e têm a indeterminação como causalidade.

Pensar o sujeito da análise do ponto de vista hipercomplexo, no qual há a indeterminação, não a linearidade e a determinação, leva a pensar no papel da história do paciente dentro da experiência analítica. Questões sobre as quais Luis Hornstein tem se dedicado e que me encontro totalmente de acordo. A história do sujeito, vista desde o ponto de vista da indeterminação, implica na ideia de que as experiências vividas não são um destino, pois novos encontros podem possibilitar novas reordenações do sujeito. Entre esses novos encontros estão o analista e as possibilidades que esse encontro produz. O que também quer dizer que não há uma única interpretação da história já pronta a ser comunicada pelo analista. Trata-se de compartilhar a história na análise através da transferência, o que leva a novas simbolizações. Nas palavras de Morin, é possível uma reordenação do sistema a partir do “erro”.

Nesse sentido, seria como enunciou o historiador americano Carl Schorske, ao afirmar que os historiadores contemporâneos, diferentemente dos outros, deveriam pensar com a história e não sobre a história. Em psicanálise também é preciso pensar-se com a história do paciente compartilhada na transferência não determinada por ela. Pensar na capacidade transformadora dos encontros é pensar qual estatuto se dá à transferência, é potencializar a clínica como o lugar capaz de gerar transformação do que é destrutivo em um sujeito. Liberadas do determinismo, as teorias dão lugar à diferença como fator de criação ou mudança.

Desde essas perspectivas da hipercomplexidade e das diferentes rupturas que os textos freudianos possibilitam, aliados às concepções pós-freudianas, pode-se pensar em concepções teóricas e modelos clínicos que deem conta das inquietações que a clínica contemporânea nos confronta muito frequentemente.

E, para finalizar, diria que a vigência da psicanálise como método e teoria de acordo com o tempo em que vivemos também se relaciona à forma com que lida com sua própria história, também é preciso pensar com a história da psicanálise. Não estamos determinados nem do ponto de vista teórico nem do ponto de vista das individualidades, é sempre possível criar.

O CENÁRIO DA CONTEMPORANEIDADE IMPÕE ALTERAÇÕES DESCONCERTANTES TANTO À CONVIVÊNCIA SOCIAL COMO ÀS DEMANDAS DO SUJEITO A UM PROCESSO DE ANÁLISE. ASSIM, INEGAVELMENTE, ESSA REALIDADE E SUA COMPLEXIDADE OCUPAM OS PSICANALISTAS EM NECESSÁRIAS REVISÕES TEÓRICAS, NA EXPECTATIVA DE QUE POSSAM REVIGORAR E AMPLIAR O ALCANCE DO MÉTODO PSICANALÍTICO CONSIDERANDO-SE AS EXIGÊNCIAS DA CLÍNICA. NESSA DIREÇÃO, QUAIS SÃO AS SUAS ANOTAÇÕES E REFLEXÕES ATUAIS, NA REVISÃO DA LEITURA DO TEXTO FREUDIANO DE 1914, SOBRE O NARCISISMO?

Tanto para a metapsicologia, como também do ponto de vista da psicopatologia, o texto de 1914 é um ponto de partida para uma compreensão das patologias para além da neurose, à medida que Freud formula que é preciso sair do narcisismo para não adoecer e há nessas patologias uma impossibilidade

de o sujeito sair de uma condição narcísica e investir em objetos. Ainda que Freud não continue pensando especificamente no tema do narcisismo nos textos posteriores, o conceito possibilita uma série de aberturas. Encontram-se justamente no texto de 1914 as bases metapsicológicas para as necessárias problematizações sobre o que caracteriza essas patologias e como abordá-las.

Além disso, o texto que serviu de paradigma para muitas elaborações pós-freudianas como Lacan, que, a partir do narcisismo e de sua relação com a formação do eu, fundamenta sua concepção do estágio do espelho; Kohut e Kernberg, que conceituam as patologias do narcisismo; e Green, que faz uma problematização do narcisismo com relação à pulsão e ao objeto. Além disso, ressalta também que a formulação freudiana sobre a melancolia poderia indicar a relação entre pulsão de morte e narcisismo, mas que esta relação ainda precisa ser descoberta, de forma que, a partir dessa relação, o autor postula a existência de um narcisismo negativo, um narcisismo de morte que se opõe ao narcisismo positivo, de vida.

Green enfatiza a ideia de Freud que o objetivo das pulsões de vida é a objetualização, no sentido da ligação, na capacidade de investimento em novos objetos que promovam satisfação pulsional depois da separação do objeto primordial, enquanto o objetivo da pulsão de morte seria a função desobjetalizante, que se caracteriza pelo desinvestimento e desobjetualização.

Desde essa perspectiva do papel do desinvestimento nas patologias, além do papel da neurose realizado por Green, considero que o texto de Freud de 1914 sobre o narcisismo, especialmente em sua terceira parte, oferece formulações que permitem não apenas ampliar uma concepção metapsicológica sobre essas patologias, como também permitem imaginar a clínica como o espaço capaz de engendrar transformações psíquicas.

As articulações teóricas que o conceito de narcisismo possibilita podem ser problematizadas e ampliadas, considerando-se a oposição entre Eros e pulsão de morte em Freud, juntamente com algumas formulações feitas em *O ego e o id*. Eros é compatível com a ligação, ou seja, com a capacidade de investimento, enquanto, na via oposta, a pulsão de morte caracteriza-se pelo desinvestimento, pelo desligamento. O desinvestimento implica aumento da destrutividade, na qual os processos de desligamento triunfam sobre a geração de fontes de prazer ou sobre o desenvolvimento das potencialidades criativas. Todo esse tema é tratado mais especificamente já a propósito da segunda tópica em *O ego e o id*. Esse texto oferece elementos para a compreensão da destrutividade, à medida que Freud coloca como consequência do desinvestimento dos objetos o narcisismo e a destrutividade. Esse é um ponto muito importante que a consequência do desinvestimento dos objetos é o narcisismo e a destrutividade. Em que circunstância o sujeito desinveste dos objetos? Quando se decepciona?

Claro está que estas possibilidades teóricas lançam luz sobre o papel do objeto sobre o sujeito. Aspecto também tratado no texto de 1914 quando Freud teoriza sobre as diferenças entre idealização e sublimação. Entendo que pensar a respeito da idealização dos objetos nessas configurações psicopatológicas e a

possibilidade de articular essa ideia com o desinvestimento característico da pulsão de morte no seio de uma perspectiva narcisista dimensiona a clínica, no sentido de que a destrutividade possa ser analisada como uma consequência das decepções com os objetos e posterior recolhimento narcísico. Além disso, também entendo que as distinções entre idealização e sublimação feitas por Freud permitem uma reflexão sobre a direção da cura.

SABEMOS, JUNTO COM FREUD, QUE TODA CIÊNCIA NECESSITA CONFRONTAR SEUS CONCEITOS. LOGO, PRECISAMOS ESTAR DISPOSTOS A TOLERAR A INCERTEZA FRENTE À COMPLEXIDADE DAS CONFIGURAÇÕES CLÍNICAS QUE TRANSITAM NA ESCUTA PSICANALÍTICA. NESSA DIREÇÃO, QUAIS SÃO AS SUAS RECOMENDAÇÕES AOS ANALISTAS EM FORMAÇÃO?

A psicanálise encanta por sua beleza e consistência conceitual, mas seu aprendizado e a condução da experiência analítica são processos longos. Como disse, o campo psicanalítico é vasto, implicando que os distintos autores utilizem de forma diversa os conceitos. Cabe ao psicanalista transitar por essas diferenças conceituais e suas implicações teórico-técnicas. É justamente essa diversidade que possibilita ampliações. É sempre preciso ter claro que não existe caminho fácil em psicanálise, porque não se pode prescindir dos fundamentos e a apropriação do campo conceitual e do método clínico são progressivos e se dão sempre *a posteriori*, pois não dependem somente do estudo, mas também têm estreita relação com a análise pessoal e a supervisão. No entanto, apesar dessas dificuldades, no que diz respeito à complexidade da teoria e da clínica, a escuta analítica continua sendo o guia do analista. Algumas situações clínicas mais difíceis se tornam um convite para que não se escute dada a sua distância da neurose e a necessidade de alterações no método. Aí é que está, a complexidade da patologia não modifica a escuta e sim a técnica, a interpretação, o enquadre. O psicanalista não deixa de ser psicanalista quando precisa fazer alterações no método, mas deixa de ser quando objetiva uma situação sem a ter escutado. Hoje não podemos ter para todos os pacientes o mesmo método, mas o nosso objeto de estudo continua sendo o mesmo: o inconsciente e a partir dele se escuta. Isso define uma posição técnica.

A PSICANÁLISE SURTIU DA ESCUTA DE PADECIMENTOS INSERIDOS EM UMA CULTURA DE REPRESSÃO PRÓPRIA AO FINAL DO SÉCULO XIX. HOJE, ASSISTIMOS MOVIMENTOS QUE PRETENDEM AMPLIAR OS PROCESSOS CULTURAIS E A PRÓPRIA DIVERSIDADE CULTURAL. PORÉM, CONSTATA-SE QUE ESSAS TRANSFORMAÇÕES NÃO DEIXAM DE ESTAR CENTRADAS EM QUESTÕES NARCÍSICAS. QUAIS ELEMENTOS A SRA. PENSA QUE A PSICANÁLISE PODE APORTAR À REFLEXÃO SOBRE SEUS INTERCÂMBIOS COM A CULTURA EM QUE VIVEMOS E DE QUE FORMA CONSIDERAR A POSSIBILIDADE DE INTERVENÇÕES PSICANALÍTICAS NO SOCIAL?

Entendo que a participação da psicanálise no social é inegável e imprescindível, inclusive para a própria psicanálise. As fronteiras entre a psicanálise e a sociologia, antropologia e a história são fluídas, no sentido de que um lado e outro se beneficiam com essas relações no sentido da ampliação de alguns modelos dessas ciências. Considerando-se que um sujeito emerge de uma cultura, não se pode pensar a subjetividade prescindindo desses aspectos. Assim, as históricas emergiam de um cenário de repressão da sexualidade e atualmente as subjetividades emergem de um mundo individualista, imediatista, narcisista, o

que implica questões para o sujeito. No entanto, é bem verdade que se a cultura nos faz, nós também fazemos a cultura e na condição de psicanalistas esses tons sombrios com que olhamos a cultura não podem se traduzir em pessimismo e impotência. Os desafios que a cultura coloca, bem como suas implicações para as individualidades, são matéria para nossa investigação e nossa criatividade e não para nosso desencantamento. Trabalhamos pelos batalhões de Eros. Com isso quero dizer que ainda que trabalhem com patologias do narcisismo é importante manter o modelo de Édipo e de Eros no horizonte do psicanalista, enxergar a análise como espaço potencial de criação.